

APRESENTAÇÃO

Solo le pido a Dios
Que la guerra no me sea indiferente,
Es un monstruo grande y pisa fuerte
Toda la pobre inocencia de la gente.

“Solo le pido a Dios”

(Canção de León Gieco, eternizada na voz de Mercedes Sosa)

As relações entre “Literatura e Política”, no universo das Literaturas Africanas, norteiam os dez artigos ora publicados. *Mulemba 11* abre mais um espaço para a investigação e comprovação da interdependência entre literatura e política no contexto histórico e cultural de países como Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, entre outros. Seja ao denunciar as violências das relações coloniais, seja ao evocar a formação do homem-poeta-guerrilheiro no caminho da luta pela liberdade, seja ao cantar a tão sonhada Independência, seja ao criticar, distopicamente, o presente desencantado, a arte literária sempre assumiu um papel fundamental no percurso político de diversas nações africanas.

Uma vez mais, a ordem de publicação dos artigos selecionados obedecerá à sequência alfabética por nome de autor. Assim sendo, o primeiro trabalho elencado é o de Adriana Souza de Oliveira, intitulado “*Luuanda: vozes e discursos*”. Enveredando pelos contos dessa emblemática obra de José Luandino Vieira, a autora investiga as construções políticas nos espaços esquecidos pelo poder político oficial. Em seguida, é a vez de Carlos Francisco de Moraes, cujo texto “O Brasil e a política da paz em *O vendedor de passados*, de José Eduardo Agualusa” vislumbra a construção de uma política outra, transnacional, calcada na projeção do Brasil como um espaço pacífico. Algumas páginas adiante, Donizeth Santos, com o texto “*Lueji, o nascimento dum império: um romance alegórico e político*”, revisita o antigo reino angolano da Lunda, ficcionalizado no texto de Pepetela, debruçando-se sobre suas possíveis metaforizações políticas que entrelaçam o passado e o presente de Angola.

Após esse texto sobre a ancestralidade lunda, sucede um artigo que focaliza um país localizado mais ao norte do continente africano: Iulo Almeida Alves e Marília Flores Seixas de Oliveira evocam textos da escritora nigeriana Chimamanda Adichie, problematizando suas críticas à insidiosa “história única”. Atravessando o continente, de Ocidente para Oriente, avista-se, mais ao sul, Moçambique, onde ecoam vozes soterradas, comentadas pelo texto “Ungulani Ba Ka Khosa: o romancista das memórias marginalizadas”, de Jane Fraga Tutikian. Partindo da análise do romance *Entre memórias silenciadas*, a autora faz um passeio pela obra de Ungulani, evidenciando o choque entre as memórias oficiais e marginais. Na sequência, Maria Geralda de Miranda e Kátia Avelar debruçam-se sobre o romance *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane. No artigo intitulado “Reflexões sobre gênero, a partir da escrita de Paulina Chiziane”, as referidas autoras investigam as diversas formas de representação da mulher na obra dessa “contadora de histórias” moçambicana.

Da voz da mulher passa-se à voz do poeta, no artigo intitulado “Para não dizer que não falei de amor e poesia: o desassossegado olhar o mundo em Eduardo White”, de Marinei Almeida, cuja leitura mergulha no universo simbólico de White, visando à descoberta de lugares de questionamento do discurso oficial e de criação de outros “mundos possíveis”. Logo adiante, Marta Banasiak, autora do artigo “As vozes do passado na construção do futuro n’A Varanda do Frangipani de Mia Couto”, analisa a tecedura formal e a reconfiguração do gênero policial na obra de Mia Couto como forma de construir outras possibilidades de futuro para a realidade de Moçambique.

“Política e ideia de nação em *Xigubo*, de José Craveirinha” é o título do artigo de Vera Maquêa e, através da interpretação de alguns poemas de Craveirinha, apresenta uma reflexão sobre a importância da literatura para a construção da nação moçambicana, enfatizando o lirismo utópico. Victor Azevedo encerra a presente edição da *Revista Mulemba* com o texto “Memória e esquecimento: a reconstrução da identidade angolana na ficção de José Eduardo Agualusa. Pela análise do romance *Teoria geral do esquecimento*, o referido ensaísta problematiza o esvaziamento das utopias que inspiraram os projetos políticos pensados para Angola, explorando suas caracterizações simbólicas.

Vale ainda dizer que a profícua leitura de obras de escritores como José Craveirinha, Luandino Vieira, Pepetela, Ungulani Ba Ka Khosa, José Eduardo Agualusa, Mia Couto, Paulina Chiziane, Eduardo White, entre outros, cumpre o papel de conscientização dos leitores, que devem atentar para a urgência de “não serem indiferentes” diante dos caminhos políticos não só africanos, mas mundiais, caminhos esses que, por diversas vezes, “pisam forte sobre a pobre inocência de nossa gente”.

A todos, uma boa leitura!

a Comissão Editorial.